



# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)



# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em  
história 4

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Aline Ferreira Antunes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 4 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-906-6

DOI 10.22533/at.ed.066211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 2* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!  
Aline Ferreira Antunes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
<b>#EXPOSED: COMO A DISCUSSÃO DE GÊNERO EM SALA DE AULA PODE AJUDAR A COMBATER O ASSÉDIO SEXUAL NAS ESCOLAS</b>	
Ortiz Coelho da Silva	
Janaína Guimarães da Fonseca e Silva	
Francisca Mariana Melo Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0662119031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
<b>A COMISSÃO ESTADUAL DA LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA (LBA) E A ASSISTÊNCIA À SAÚDE INFANTIL NO PIAUÍ (1942-1945)</b>	
Francilene Teles da Silva Sousa	
Joseanne Zingleara Soares Marinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0662119032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
<b>EDUCAÇÃO INFANTIL E FEMINISMO: UM ESTUDO DE CASO</b>	
Paola Camila Branco Lucena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0662119033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
<b>AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM RETRATOS FOTOGRÁFICOS DO ESTÚDIO REUTLINGER NOS TEMPOS DA BELLE ÉPOQUE (1900-1915)</b>	
Marco Antonio Stancik	
Ana Regina Praxedes Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0662119034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
<b>A MULHER NA SOCIEDADE COLONIAL BRASILEIRA: UM ENFOQUE EM MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII</b>	
Alex Augusto de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0662119035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
<b>A SEXUALIDADE INDÍGENA NAS PERGUNTAS DE UM CONFESSORÁRIO TUPI NO PARÁ DO SÉCULO XVIII</b>	
Jaqueline Ferreira da Mota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0662119036</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
<b>MULHERES SEM TERRA INSUBMISSAS: REFLEXÕES SOBRE OS FEMINISMOS CONTRA HEGEMÔNICOS EM CONTEXTOS RURAIS EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL</b>	
Flávia Pereira Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0662119037</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>94</b>
TERRA OU MORTE: AS DENÚNCIAS DAS FEDERAÇÕES CAMPONESAS E YANACONAS CONTRA AS FAZENDAS E O GOVERNO PERUANO, EXPOSTAS NO JORNAL UNIDAD (1960-1963)	
Marcos Marcial Matos Malpartida	
DOI 10.22533/at.ed.0662119038	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>107</b>
A CABEÇA BRANCA DA HIDRA E SEUS PÂNTANOS: SUBSÍDIOS PARA UMA GEOGRAFIA DA HISTÓRIA DA AMAZÔNIA MARANHENSE, E PARA NOVAS PESQUISAS SOBRE COMUNIDADES INDÍGENAS, QUILOMBOLAS, E CAMPONESAS	
István van Deursen Varga	
Raimundo Luís Silva Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.0662119039	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>120</b>
A DIOCESE DE ITAGUAÍ, A LUTA PELA TERRA E AS COMUNIDADES TRADICIONAIS NO LITORAL SUL FLUMINENSE ENTRE 1970 E 1990	
Maria do Carmo Gregório	
DOI 10.22533/at.ed.06621190310	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>132</b>
ENTRE A RELIGIOSIDADE E A INSURGÊNCIA: AS SANTIDADES INDÍGENAS NO BRASIL COLONIAL	
Juliana Mary Lourenço	
DOI 10.22533/at.ed.06621190311	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>144</b>
MUDANÇAS NO CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO: A ASCENSÃO DO PENTECOSTALISMO, A REVERBERAÇÃO DA CRISE DO CATOLICISMO E A BUSCA MISSIONÁRIA CATÓLICA POR NOVOS FIÉIS (1950-2000)	
Derllânio Telecio da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.06621190312	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>154</b>
A ARTE DE CURAR (PRÁTICAS DE CURA) E SUA “CRIMINALIZAÇÃO” EM IRATI E MALLETT- PR - PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Henrique Alexandro Senderski	
DOI 10.22533/at.ed.06621190313	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>163</b>
“O QUE EU ME LEMBRO, EM PRIMEIRO LUGAR, EU NÃO SEI O PORQUÊ... OS AFOXÉS!”	
Alberto Bomfim da Silva	
Edson Farias	
DOI 10.22533/at.ed.06621190314	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>177</b>
PROJETO DE EDIÇÃO DE LIVRO: MORRO DO PARAMIRIM, A VILA DE BREJEIROS E BARRANQUEIROS	
<i>Maria de Fátima Magalhães Mariani</i>	
<i>Leandro Magalhães Mariani</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.06621190315</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>189</b>
MEMÓRIAS DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (1808-1840)	
<i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.06621190316</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>204</b>
NAS TRILHAS DA MEMÓRIA: LEMBRANÇAS ATUAIS DO REPERTÓRIO REPENTISTA DE ZÉ DA PRATA	
<i>Josi de Sousa Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.06621190317</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>219</b>
VISÕES DE UMA PEREGRINA: OS CAMINHOS ENTRE SAGRADO E PROFANO NA PEREGRINAÇÃO À CIDADE DE DIVINA PASTORA	
<i>Alice Batista Guimarães</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.06621190318</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>231</b>
ENTRE A LEI E A TRIBUNA: O INÍCIO DA VIDA PÚBLICA DE JOAQUIM NUNES MACHADO (1834-1837)	
<i>Manoel Nunes Cavalcanti Junior</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.06621190319</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>243</b>
LUIZ AUGUSTO MAY NA CAPITANIA DO GRÃO PARÁ E RIO NEGRO: ESTRATÉGIAS PARA A DEFESA DO DA REGIÃO (1813)	
<i>Myriam Paula Barbosa Pires</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.06621190320</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>255</b>
KARL POPPER E A CIÊNCIA HISTÓRICA	
<i>Rafael Cavalheri Peres</i>	
<i>Diego Rodstein Rodrigues</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.06621190321</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>263</b>
VELHOS DILEMAS, NOVOS PARADIGMAS: OS IMPACTOS DA DIGITALIZAÇÃO DE DOCUMENTOS EM PESQUISAS SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	
<i>Juliano Cabral Pereira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.06621190322</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>275</b>
O JORNAL <i>A LUTA</i> E O ANIVERSÁRIO DO GOLPE DE 1964 Caio Vinícius Silva Teixeira Claudia Cristina da Silva Fontineles <b>DOI 10.22533/at.ed.06621190323</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>288</b>
ESQUERDA POSITIVA OU ESQUERDA NEGATIVA? LEONEL BRIZOLA E SAN TIAGO DANTAS DURANTE O GOVERNO JOÃO GOULART (1961-1964) Marcelo Marcon <b>DOI 10.22533/at.ed.06621190324</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>298</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>299</b>

## O JORNAL A LUTA E O ANIVERSÁRIO DO GOLPE DE 1964

Data de aceite: 01/03/2021

### Caio Vinícius Silva Teixeira

Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI (2018). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí – PPGHB/UFPI. Bolsista CAPES

### Claudia Cristina da Silva Fontineles

Professora do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí – PPGHB/UFPI

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo discutir em que medida o jornal *A Luta* atuou como um importante veiculador de discursos apoiadores da Ditadura Militar, em Campo Maior, Piauí, contribuindo para que o regime militar conquistasse apoio na cidade. Pretendemos analisar o contexto de emergência deste semanário e sua relação com o espaço social e político em que estava situado. Para tanto, analisaremos como o jornal se expressou em relação ao 8º aniversário do golpe de 1964 e de que forma contribuiu para que a sociedade campomaiorense enaltescesse aquele regime. O jornal divulgava os feitos do regime e, concomitantemente, informava a população sobre os embates políticos locais, demonstrando seu posicionamento em relação à política local e nacional. Trabalhamos com a perspectiva de História e Imprensa a partir dos estudos de Capelato (1988), Peixoto e Cruz (2007),

relacionando-o com o contexto da Ditadura civil-militar em que estava inserido o semanário, tendo como suporte as pesquisas de Kushnir (2001) e Fico (2019), entre outros, a partir do uso da metodologia da análise de conteúdo das matérias do jornal, publicadas no referido noticioso, em 31 de março.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ditadura Militar, Imprensa, Campo Maior, Cultura Política.

### THE NEWSPAPER A LUTA AND THE ANNIVERSARY OF THE 1964 COUP

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss the extent to which the newspaper *A Luta* acted as an important carrier of speeches supporting the Military Dictatorship, in Campo Maior, Piauí, contributing to the military regime gaining support in the city. We intend to analyze the emergency context of this weekly and its relationship with the social and political space in which it was located. To this end, we will analyze how the newspaper expressed itself in relation to the 8th anniversary of the 1964 coup and how it contributed to the Campomaiorense society to exalt that regime. The newspaper publicized the achievements of the regime and, at the same time, informed the population about local political conflicts, demonstrating its position in relation to local and national politics. The newspaper publicized the achievements of the regime and, at the same time, informed the population about local political conflicts, demonstrating its position in relation to local and national politics. We work with the perspective of History and Press from the studies of Capelato (1988), Peixoto and Cruz (2007), relating it to the context of the civil-

military dictatorship in which the weekly was inserted, supported by Kushnir's research (2001) and Fico (2019), among others, from the use of the content analysis methodology of the newspaper's articles, published in the referred news, on March 31.

**KEYWORDS:** Military dictatorship, Press. Campo Maior, Political Culture.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O golpe que derrubou o regime democrático brasileiro, em 1964, transformou profundamente a sociedade brasileira, instaurando uma ditadura que se seguiria pelas duas décadas seguintes, caracterizada pela censura, perseguição a opositores, tortura, mortes, etc. Existem vastos estudos que mostram a atuação dos militares em grandes centros urbanos do Brasil, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro, mas é importante observar que o governo militar também foi atuante em pequenas cidades do país, como em Campo Maior, localizada no centro-norte do Piauí, a 84 km da capital piauiense.

Durante a Ditadura Civil-Militar, a imprensa exerceu um importante papel, uma vez que foi um setor de amplo apoio aos militares para a derrubada de João Goulart, mas também porque muitos jornais fizeram forte apologia ao regime nos anos seguintes. E a atuação da imprensa, nesse contexto político, não se restringiu às grandes cidades brasileiras. Nesse sentido, a proposta deste artigo é analisar como o jornal *A Luta* contribuiu para a criação de imagens e discursos sobre o regime militar para compreendê-lo como um mecanismo de legitimação desse regime em Campo Maior-PI. A compreensão do comportamento político desse semanário local para a legitimação do regime militar em Campo Maior é importante para entendermos como ele colaborou para a construção de representações positivas do governo naquela pequena cidade piauiense<sup>1</sup>.

Mesmo tendo características autoritárias, o governo militar rejeitava a ideia de ser identificado como uma ditadura, ao contrário, queria passar aos brasileiros uma imagem de que era o guardião da democracia, da ordem e da segurança da nação. Procurava ser identificado como representante de um regime democrático, que teria sido defendido pela “revolução de 1964” e afastado a ameaça comunista, e para isso buscava de várias formas alcançar sua legitimidade perante a população brasileira, como demonstra Maria José de Rezende:

(...) o regime lutava para construir um sistema de valores e ideias visando sedimentar na sociedade como um todo a crença de que o movimento de 1964 somente se legitimava porque ele expressava sob todos os aspectos os interesses do povo brasileiro. (...) o regime buscava incessantemente fórmulas

1. Campo Maior chega à década de 1970 com um infraestrutura deficitária. “Dos 9.890 domicílios da cidade em 1970, somente 1.134 eram atendidos por ligações de água (777 ligados a rede geral de água e 357 atendidos por poços ou nascentes de água) resultando em torno de 11,46% de domicílios atendidos. Somente 1.762 desses domicílios eram atendidos por sistemas de fossas (17,81%) – 273 por fossas céticas e 1.489 por fossas rudimentares. No mesmo período, 682 (6,89%) ligações de energia elétrica existiam na cidade, através da CEPISA (Centrais Elétricas do Piauí S/A). Somente 100 ligações (1,01%) telefônicas ligavam Campo Maior a outras paragens, através da TELEPISA (Telefones do Piauí S/A)” (ROSA, 2012, p. 19-20).

de aceitabilidade no interior dos diversos setores sociais” (REZENDE, 2013, p. 33-34).

Uma das maneiras de transmitir à população uma imagem positiva de seu governo foi através da imprensa. Os militares fizeram uso dos meios de comunicação para demonstrar as grandes ações empreendidas no país e mostrar aos brasileiros que o Brasil estava no caminho certo em suas mãos, pois, como afirma Maria Helena Rolim Capelato, através da imprensa “(...) se trava uma constante batalha pela conquista de corações e mentes” (CAPELATO, 1988, p. 13).

Nesse sentido, é importante ressaltar o papel da imprensa na legitimação – ou o contrário, na produção e propagação de imagens negativas – dos regimes políticos, funcionando como um importante veículo de ligação entre o governo e a sociedade. Dessa forma, ela “(...) constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social” (CAPELATO, 1988, p. 21). Através da imprensa, os militares dialogavam com a população na construção da nação brasileira, preservando seus valores e supostos ideais democráticos, bem como no combate ao que colocava a sociedade em risco.

Dessa maneira, a imprensa se constitui em uma importante fonte histórica através da qual podemos entender diversas relações presentes na sociedade. Em momentos de tensões políticas, como na Ditadura Civil-Militar, é imprescindível sua utilização para compreender suas relações políticas, uma vez que seu uso não era somente para a divulgação e valorização do governo em vigor, mas também um lugar em que os militares exerciam seu poder através da censura, que ocorreu de diferentes maneiras ao longo do regime.

A censura já existia no Brasil antes mesmo do golpe de 1964, mas de acordo com Beatriz Kushnir, o governo militar montou um arcabouço legislativo para dar uma cara ao regime (KUSHNIR, 2001) e, nesse sentido, as formas de censura foram melhor operacionalizadas para que se tivesse um maior controle do que era publicado. “Os governos do pós-1964 criaram jurisprudências, e essas serviram como uma capa de legalidade. Atos como banimento, pena de morte, expulsão do país, censura prévia, são terríveis, mas eram legais. Ou seja, eram por lei e pela força bruta” (KUSHNIR, 2001, p. 122).

Nesse sentido, o Ato Institucional nº 5 (AI-5) permitira ao regime uma “atividade censória mais sistemática” (FICO, 2019, p. 156), atingindo os veículos da imprensa, mesmo aqueles que apoiaram o golpe em 1964, fazendo com que se movimentassem para o lado da oposição. Dessa forma, percebemos como a imprensa está inserida em um contexto repleto de tensões políticas, que se refletem nas suas produções midiáticas. Mesmo não se constituindo como uma mídia da chamada imprensa empresarial, o jornal *A Luta* também estava imerso nesse contexto e nos ajuda a compreender as questões políticas e sociais daquele período, pois:

Lugar de representações e particularidades do real, a imprensa constitui uma vitrine de pensamentos e práticas, de projetos políticos e ideias. Além disso, é local privilegiado para se observar os discursos do cotidiano e qual o entendimento que os homens têm do seu próprio tempo. Além de ser órgão de informação, pode exercer papel de reflexo ou de guia de grupos de pressão diversos, políticos ou financeiros. Pela sua disposição em forma de mosaico, o jornal deixa representar uma imagem dos fatos selecionados a respeito do que acontece em uma comunidade (ROSA, 2012, p. 26).

Sendo um “lugar de representações e particularidades do real” a imprensa seleciona aquilo que deve ser divulgado, baseando-se em concepções políticas, ideológicas e sociais, formando, assim, esse ‘mosaico’ citado pelo autor, que representa o conjunto dos aspectos sociais presentes no jornal. É preciso compreender que através dessa ação a imprensa pode manipular o pensamento do leitor em determinada circunstância e quando ela é usada por grupos políticos para esse fim se torna um importante aliado na difusão dos projetos e ideais de governos e pessoas, mesmo que seja uma pequena imprensa, de influência em uma pequena região.

## O JORNAL A LUTA

Campo Maior, uma pequena cidade do norte piauiense, viverá na década de 1960 o declínio de uma grande prosperidade econômica que teve como responsável a cera de carnaúba<sup>2</sup> que possibilitou um grande desenvolvimento à cidade, sobretudo nas décadas de 1930 e 1940, proporcionando aos grandes proprietários rurais e fazendeiros da região grandes lucros anuais com a exploração da carnaúba. Neste período, o poder público fez diversas intervenções na cidade como construções e reformas de praças, calçamentos de ruas e avenidas, instalação de luz elétrica e água, entre outros. Entretanto, aos poucos a cera da carnaúba foi perdendo seu prestígio econômico e isso foi refletido na cidade que tinha naquela palmeira sua principal renda na época, fazendo com que nela ainda permanecessem aspectos de ruralidade:

Campo Maior/PI na década de 1960 e começo de 1970 lutava ainda pela tão almejada modernização, apresentando aspectos marcadamente rurais e convivendo com uma incipiente urbanização. Faltava água encanada, redes de esgoto, calçamento, condições mínimas para propiciar uma vida saudável (ROSA, 2012, p. 54).

Assim, Campo Maior chega à década de 1960 como uma cidade fortemente ligada a elementos rurais<sup>3</sup>. O desenvolvimento das décadas anteriores, por maior que tenha sido, não transformou completamente a imagem da cidade, nem atingiu a toda população. A cera

---

2. Nas décadas de 1930 e 1940 Campo Maior viveu um grande crescimento econômico proporcionado, sobretudo, pela cera de carnaúba. Em 1940, por exemplo, foram exportados 400.183 kg do produto, e nessa década a produção da cera na cidade foi em torno de 236 toneladas/ano, fazendo de Campo Maior ocupar a segunda posição neste quesito no estado. In: CHAVES, Celson. **Rua Santo Antonio**. 2ª ed. Campo Maior: EDUFPI, 2014.

3. Dos 61.549 habitantes de Campo Maior em 1970, apenas 18.400 moravam na cidade (ROSA, 2012), ou seja, cerca de 70% da população campomaiorense vivia em áreas da zona rural.

começa a perder seu prestígio no comércio e Campo Maior sofre as consequências disso e chega aos anos 1960 ainda sem ter conquistado a sonhada modernização.

É nessa cidade que, em 1967, foi criado o jornal *A Luta*. Fundado por Raimundo Antunes Ribeiro, mais conhecido como “Totó Ribeiro”<sup>4</sup>, este jornal nasce em um período de fortes tensões políticas no Brasil, no contexto de um governo militar, e, mesmo estando distante do núcleo daquelas tensões, sofreu influência daquele momento em sua produção, sendo, assim, uma forma de percebermos a relação da cidade de Campo Maior com o projeto político em vigor no Brasil e vice-versa. Nas páginas daquele noticiário é possível percebermos seu ponto de vista em relação à ditadura imposta em 1964, assim como a imagem que passava aos campomaiorenses da situação política nacional da época.

O jornal existiu até 1979, quando em 19 de novembro daquele ano teve seu último número publicado, sendo que as condições financeiras foram fundamentais para que o periódico encerrasse suas atividades (ROSA, 2012). Ao longo de 12 anos de existência, divulgou inúmeros fatos da cidade e da região, levando ao conhecimento dos campomaiorenses eventos da cidade, do estado, do país e do mundo. Entretanto, também foi um importante mecanismo de divulgação de ideias e valores do governo militar, contribuindo, dessa forma, para que a cidade se inserisse no projeto político do regime em vigor no Brasil.

O semanário foi fruto da vontade de seu fundador, Totó Ribeiro, de se ter um jornal que circulasse na cidade e que possibilitasse aos seus moradores conhecer e entender os principais acontecimentos da região e era mantido pela venda dos exemplares, que ocorria de porta em porta, ou seja, não era financiado por grupos políticos ou empresariais, o que fazia com que o jornal se denominasse “independente” (ROSA, 2012). E a dificuldade financeira foi um dos motivos de seu fechamento. Contava com métodos artesanais de produção e seus colaboradores eram pessoas de vários segmentos da sociedade campomaiorense: professores, comerciantes, políticos, etc. (ROSA, 2012).

Esse jornal se relacionava diretamente na vida dos habitantes da cidade. Em sua dissertação de mestrado sobre o Jornal *A Luta*, José de Ribamar de Sena Rosa mostra como era essa relação do jornal com a cidade de Campo Maior, destacando que houve um “(...) envolvimento “simbiótico” com a sociedade local, se envolvendo e participando das práticas sociais e cotidianas da cidade e de sua população, vivenciando rupturas e movimentos do tecido social.” (ROSA, 2012, p. 29-30). Além disso, “Naqueles primeiros anos, além de novidade, era visto como sinônimo de progresso, lugar onde a população local buscava se informar” (p. 50).

Para além dessa questão, observamos uma íntima relação do jornal *A Luta* com a cultura política campomaiorense, entendendo este conceito a partir de Rodrigo Patto Sá

4. Raimundo Antunes Ribeiro foi um político, jornalista e teatrólogo de Campo Maior. Nasceu em Manaus (1907), mas viveu e faleceu em Campo Maior (1992). Era técnico em contabilidade e maçom, e também foi funcionário público municipal. Além do jornal *A Luta*, fundou os jornais *O Labor* e *O Operário*, ambos em Floriano-PI. E em Campo Maior contribuiu também nos jornais *A Voz do Jenipapo* e *Heróis do Jenipapo*.

Motta, que define a cultura política como sendo um “(...) conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro” (MOTTA, 2009, p. 21).

Dessa maneira, compreendemos que a cultura política campomaiorense expressa um conjunto de valores, normas, e comportamentos políticos, sociais e culturais, fortemente baseado no domínio do poder político local por grupos de pessoas ligados às grandes e tradicionais famílias políticas campomaiorenses.

A partir disso, entendemos a atuação do jornal *A Luta* como um “vetor” dessa cultura política campomaiorense, uma vez que esse periódico muito contribuiu para a reprodução dessa cultura política na cidade, por mais que não tenha suas origens e manutenção ligadas grupos políticos ou empresariais.

Logo, esse jornal se constitui em uma ferramenta imprescindível para entendermos a organização da sociedade campomaiorense no contexto do regime autoritário em vigor, não só por levar aos cidadãos um certo conhecimento do que se passava no Brasil – e no mundo<sup>5</sup> – mas também por, através de sua linguagem e de temas abordados estar diretamente envolvido nos espaços e ambientes de Campo Maior, fazendo com que a cidade e seus moradores se identificassem em suas publicações.

Com isso, ao usarmos esta fonte para entendermos o discurso do governo militar em Campo Maior, faremos aquilo que Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto sugerem, procurando compreender este meio de comunicação “(...) como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258).

Naquele contexto, de forte polarização política, o jornal optou por se posicionar favoravelmente ao regime em vigor. O fato de Campo Maior ser uma pequena cidade, e o jornal ter uma circulação limitada<sup>6</sup>, não eram motivos para que os redatores não se preocupassem com a censura praticada pelos militares, haja vista que na cidade tinham acontecido algumas prisões, no início da ditadura, de pessoas tidas como comunistas, como Antônio Damião de Sousa (fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais) e Luís Lopes (mais conhecido como Luís Edwiges, que era membro das Ligas Camponesas<sup>7</sup>).

5. José de Ribamar de Sena Rosa (2012) afirma que a grande maioria dos editoriais do jornal tratavam de assuntos do cotidiano da cidade, entretanto há matérias que abordam aspectos nacionais e internacionais, como veremos adiante.

6. O jornal tinha periodicidade semanal, sendo geralmente publicado aos domingos, e a venda ocorria de porta em porta dos principais estabelecimentos da cidade. Sua tiragem média era de 150 a 200 cópias semanais (ROSA, 2012).

7. Ambos foram presos nos meses seguintes ao golpe em Campo Maior, por serem líderes de movimentos de esquerda na cidade, e por reivindicarem medidas que beneficiassem os trabalhadores pobres. De certa forma, essas prisões contribuíram para silenciar movimentos opositores ao regime na cidade. Luís Edwiges nasceu em 1929, no povoado Marinhos, Campo Maior-PI, local onde sempre viveu e começou sua luta por melhorias na vida e no trabalho dos trabalhadores rurais. Antonio Damião de Sousa nasceu em 1935, em Campo Maior, e se destacou na luta dos trabalhadores rurais, principalmente na fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campo Maior, em 1963, em que foi seu primeiro presidente.

Essas prisões são exemplo de ações anticomunistas que aconteceram em Campo Maior na década de 1960. Além disso, Celson Chaves afirma a existência de pressão política contra o jornal de forma implícita. Para o autor:

Por sua independência editorial<sup>8</sup>, a gazeta A Luta passou a sofrer pressão política ao ser vigiado de forma implícita pelo regime militar. O jornal foi utilizado não ideologicamente (pois seu próprio fundador era um ferrenho crítico do regime autoritário), mas *induzido*<sup>9</sup> a veicular matéria de interesse do regime militar para não ser considerado um pasquim subversivo e conseqüentemente ser fechado como tantos outros no Brasil nesse período da história nacional (CHAVES, 2014, p. 67).

Não se tem notícia de como teria sido feita essa pressão no jornal, no entanto, é possível cogitarmos que, de alguma forma ela pode ter acontecido, ou até mesmo os colaboradores do jornal terem feito “autocensura”, entendida aqui como ingerência e aceitação da norma do que se podia publicar, mesmo sem ter um censor na redação (KUSHNIR, 2001). Além do mais, o fato de o fundador do jornal ser notadamente um crítico do regime<sup>10</sup>, e as prisões contra as pessoas que lutaram contra o autoritarismo implantado no país nos governos militares e ocorridas na cidade, podem ter feito com que os olhares dos militares estivessem sobre o jornal, induzindo seu comportamento favorável ao governo<sup>11</sup>. Diante disso, era preferível atender os interesses dos militares a ter o jornal fechado, coisa comum aos meios de comunicação que faziam oposição à ditadura.

A partir disso, o apoio e o elogio ao governo dos militares é bem presente nas páginas do jornal, sobretudo a partir do início da década de 1970, proporcionado pelo discurso desenvolvimentista evocado pelos militares no contexto do “milagre econômico”<sup>12</sup>. Eram escritas matérias exaltando os feitos da ditadura, fazendo com que a sociedade campomaiorenses percebesse aquele governo como aquele que estava conduzindo a nação brasileira ao progresso. Como “(...) todos os regimes, mesmo os ditatoriais, empenham-se desatinadamente na busca de meios para alcançar adesão e aceitabilidade” (REZENDE, 2013, p. 36), entendemos que a imprensa foi uma importante veículo de divulgação dos ideais e ações dos militares, e esse fato ocorreu também em Campo Maior, como veremos a seguir.

8. O semanário se identificava como de linha editorial independente. Em matéria do ano de 1973, lê-se “A Luta tem uma só linha de orientação. É a orientação da imparcialidade, nunca subjugada ou corrompida” (EM primeira mão, jornal A Luta, 1973).

9. Grifo nosso

10. Totó Ribeiro foi vereador de Campo Maior pela UDN, mas organizou movimentos contra o golpe em 1964 sendo perseguido por isso (CHAVES, 2018).

11. Percebemos que o jornal em si não fez oposição ao governo militar. Seu fundador, Totó Ribeiro é que foi perseguido por fazer oposição ao golpe. Anos mais tarde (1967) ele funda o jornal com o objetivo de ser imparcial e crítico, dado liberdade de escrita aos seus colaboradores, mas que, de certa forma, tinha suas produções induzidas pelo recrudescimento da censura e da repressão a partir do AI-5 (1968).

12. O apoio incondicional ao regime militar não se dá da mesma forma em relação ao governo municipal. Sena Rosa destaca que, dependendo do governo, a posição do jornal era de crítica ou apoio. Além disso, são constantes as matérias que relatam problemas da cidade e que colocam certas administrações como culpadas.

## O 8º ANIVERSÁRIO DO GOLPE DE 1964 NO JORNAL A LUTA

O movimento político que culminou com a tomada do poder pelos militares no Brasil teve o envolvimento de vários grupos. Marcos Napolitano afirma que “Envolveu um conjunto heterogêneo de novos e velhos conspiradores contra Jango e contra o trabalhismo (...). Todos unidos pelo anticomunismo, a doença infantil do antirreformismo dos conservadores” (NAPOLITANO, 2014, p. 43). Essa articulação política proporcionou o início de um dos mais emblemáticos momentos da história brasileira.

No comando do país, os militares exerceram um governo autoritário, marcado por perseguições, torturas e assassinatos contra aqueles que não aceitavam suas medidas. Contudo, ao mesmo tempo em que praticavam ações repressivas, os militares se empenhavam em construir uma imagem grandiosa de si, procurando internalizar nos brasileiros uma visão positiva de seu governo. Maria José de Rezende nos mostra como esse objetivo foi idealizado pelos militares:

A pretensão de legitimidade do regime militar somente pode ser compreendida tendo em vista a atuação de seu grupo de poder para instaurar um processo social no qual se visava criar as condições para potencializar os valores tidos pela ditadura como essenciais e mantenedores da sociedade brasileira. (...). A internalização e a aceitação dos valores apresentados como fundantes do regime militar deveriam, assim, ser feitas por todas as instituições da sociedade. Ou seja, através das escolas, famílias, empresas, associações de classes, sindicatos, universidades, Forças Armadas, dentre outras.” (REZENDE, 2013, p. 40-41)

Os militares aspiravam a uma legitimidade perante a sociedade brasileira. Era preciso, além de reprimir os subversivos, imprimir nos brasileiros crenças e valores do regime, provocando-lhes um sentimento de euforia, glorificando e exaltando o governo e dando vivas aos generais-presidentes. No Piauí esse discurso também se fez presente, tendo na voz de Alberto Silva forte propagação.

Claudia Cristina da Silva Fontineles aponta a figura do governador Alberto Silva (1971-1975) como o principal divulgador dos discursos militares no Piauí, em que o chefe do Executivo estadual se colocou como um grande transformador da situação de atraso do estado e o protagonista no estímulo da autoestima piauiense (Fontineles, 2015). “Alberto Silva difundia a importância da intervenção estatal na construção de uma sociedade” (FONTINELES, 2015, p. 91), em que esse otimismo era ligado ao desenvolvimento de construções arquitetônicas<sup>13</sup> (Fontineles, 2015).

Esse reconhecimento do governo de Silva foi expresso no jornal *A Luta*, em que uma matéria traça o seguinte comentário: “O Piauí vem passando, à hora presente, um surto de progresso intensivo e constitutivo, marca da administração do atual governo do estado,

13. Alberto Silva via nas construções de grandes obras uma forma de estimular a autoestima do piauiense e tornar a imagem do Piauí positiva no cenário nacional. Contudo, com essas obras o governador objetivava também inserir seu nome na história e na memória do estado, trazendo para si o reconhecimento por esses empreendimentos para ficar lembrado como o governador que modernizou o Piauí (Fontineles, 2015).

engenheiro competente de alto tino de administrador” (O Piauí mudou, *A Luta*, edição sem data<sup>14</sup>).

A imprensa foi uma importante ferramenta usada nesse objetivo de construir uma imagem enaltecida do governo dos militares, e Campo Maior foi palco dessa glorificação do regime militar, no período que ficou conhecido como “milagre econômico”, como podemos ver na matéria a seguir, do jornal *A Luta*, que trata da comemoração do 8º aniversário do golpe de 1964:

Oito anos de Brasil novo são passados. Quando a 31 de março de 1964, *a Pátria foi salva do caos*, abriram-se as portas do desenvolvimento. Naquela data histórica, homens de nobreza espiritual e patriótica conduziram a Nação de vales sombrios, então presa que estava de homens mesquinhos, para os planaltos resplandecentes, onde pode ser vista, bela e rica, por todos os povos do mundo. Eis agora o Brasil transformado, saído há oito anos de tenebroso marasmo e do perigo da tirania esquerdista, da fatal desgraça, para o reinado da liberdade irrestrita, muito amada e salvaguardada, até, com a morte, por noventa milhões de almas verde e amarelas. (8º ANIVERSÁRIO da Revolução. Jornal *A Luta*, ano V, nº 208, mar. 1972, s/p)

É interessante observarmos, inicialmente, a maneira como o autor do texto se refere ao regime, tratando como uma “revolução” e, portanto, sintonizando-se com o discurso dos militares. A matéria foi escrita em comemoração ao aniversário da “revolução” e mostra que há oito anos o Brasil vivia um novo momento, sendo escrita uma nova página de sua história. Antes de 1964, de acordo com a notícia, o Brasil vivia um período de “tenebroso marasmo” convivendo com o perigo da “tirania esquerdista”, até ser liberto pela ação revolucionária dos militares que colocou o país no caminho certo sem, contudo, apresentar nenhum dado que comprovasse tal crítica, em franco discurso de ódio contra as esquerdas e contra os movimentos sociais. Assim, podemos perceber como o discurso da ditadura foi recebido pelo jornal e como esse meio de comunicação exaltava aquele regime.

A expressão “a Pátria foi salva do caos” refere-se aos anos antes da ditadura, ou seja, ao governo de João Goulart e, comparando ao momento em que se vivia no país, procurava mostrar que aqueles eram anos de terror nos quais a segurança do Brasil estava em risco. Com isso, o jornal alia-se com o discurso anticomunista do governo militar. Criar o medo na população sobre o perigo das esquerdas, representada por Jango, foi uma tática muito usada pelos militares para justificarem o golpe e posteriormente construir uma imagem de salvadores da Pátria, como mostra Ailton Fernandes:

Os militares que ascendem ao poder souberam com habilidade manipular o medo aos seus interesses (...). Esse medo justificaria a intervenção militar e nos anos seguintes o perigo vermelho serviria de pretexto para muita coisa, de ‘políticas de exceção’ a decisões econômicas impopulares. Nos primeiros seis meses de 64 o anticomunismo e, dentro da sua lógica, todo o discurso

---

14. Em algumas páginas não contém as informações da edição, pois na maioria das vezes elas eram apresentadas somente na capa. Não obstante, podemos identificar essa matéria como referente ao governo de Alberto Silva por seu conteúdo que traz o nome do governador e de alguns secretários.

contra o caos, a desordem e a anarquia, serviria para conquistar apoio de parcelas importantes da sociedade. Nos anos seguintes serviria para justificar a permanência dos militares e repressão (FERNANDES, 2015, p. 8).

O fato de esse discurso anticomunista, em que qualquer proposição ou projeto de inclusão social seja relacionado ao caos, se fazer presente na imprensa campomaiorense é muito significativo. É revelador de que aquele jornal absorvia as ideias dos militares e transmitia à cidade uma imagem gloriosa daquele regime, passando confiança e otimismo no futuro da nação, que seria construído com segurança, ordem e desenvolvimento. Assim, esse jornal nos permite compreender a relação de Campo Maior com o momento vivido no país e como isso era refletido na cidade, pois “A leitura dos discursos expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das ideias que circulam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social” (CAPELATO, 1988, p. 34).

Campo Maior, e o jornal *A Luta*, estavam fortemente relacionados com a Ditadura Militar. Por meio daquele periódico, o discurso desenvolvimentista ecoou naquela pequena cidade piauiense atraindo louvores para o regime. Com isso, podemos perceber o poder que a imprensa possui, ajudando a construir imagens do passado e do presente na e da sociedade.

Naquele contexto, os militares pretendiam fazer com que o seu poder permeasse todo o corpo social brasileiro, trazendo para si elogios e legitimidade. Isso foi realizado também através de ações empreendidas em várias áreas. A matéria citada anteriormente continua, relatando alguns feitos de oito anos de governo dos militares, mostrando os benefícios que trouxeram ao Brasil:

São oito anos de mentalidade brasileira transformada. De outra personalidade. E de alcançada maturidade. A metamorfose nacional é comentada com respeito em toda a Terra. A nossa imagem tem caráter positivo e merece polegares para cima. (...). Desenvolve-se o comércio. Multiplicam-se as indústrias. Rasgam-se as estradas. Prolifera a energização. As comunicações fazem a integração. (...). Os centros urbanos tomam vulto (...). O Brasil é todo um povo no seu afã diário levando a ânsia de crescer cada vez mais e na busca de compartilhar a muito próxima posição de vanguarda deste País gigante. Esta é a mensagem simples de A LUTA de confiança no destino glorioso do Brasil. (8º ANIVERSÁRIO da Revolução. Jornal *A Luta*, ano V, nº 208, 30 mar. 1972, s/p)

A matéria faz referência também a ações na educação, na saúde, na agropecuária, etc. finalizando com a frase “Campo Maior Sauda a Revolução”. As diversas intervenções dos militares, citadas na matéria, mostram como eles procuravam fazer-se perceber como construtores do Brasil e condutores de seu progresso, e isso merecia colocar os “polegares para cima” em sinal de aprovação. Observar a existência de uma matéria tão exaltadora, como esta “mensagem simples”, em um pequeno jornal de uma pequena cidade piauiense mostra como esse discurso se fez presente nos mais distantes lugares do Brasil, a

participação desse pequeno periódico na legitimação do regime militar em Campo Maior. Assim:

Convém lembrar que não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias “têm uma opinião”, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos. Mais ainda, trata-se também de entender que em diferentes conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito frequentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258-259).

A presença desse discurso celebrativo da Ditadura Militar no jornal *A Luta* expressa o caráter seletivo da sua prática discursiva. O jornal entrou em consonância com os ideais propagados pelo regime, divulgando uma imagem gloriosa do governo, em detrimento de outros discursos sobre o regime, que circulavam no Brasil na época, negligenciando os crimes cometidos pelos ditadores. A partir de Michel Foucault podemos compreender como essa produção de discursos é controlada na sociedade:

(...) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9)

Dessa forma, é possível entendermos como esse discurso celebrativo foi produzido e controlado pelos militares. Além disso, é válido lembrar que o momento em que aquela matéria foi escrita está inserido no contexto do chamado “milagre econômico brasileiro”, que muito colaborou para a estruturação desse discurso. Entre 1970 e 1973 o país viveu um enorme crescimento econômico jamais visto<sup>15</sup>, com números que impressionam: “9,5% em 1970; 11,3% em 1971; 10,4% em 1972; 11,4% em 1973” (REIS, 2014, p. 79). Nesse período houve um vultuoso crescimento da indústria (com taxas de 14% anuais), da construção civil (taxas acima de 20% ao ano) e das exportações (com aumento anual de 32%), fazendo com que houvesse significativas mudanças na sociedade brasileira, como o desenvolvimento das telecomunicações e a expansão das rodovias (REIS, 2014).

Foi criada uma forte propaganda sobre esses empreendimentos do governo militar, fazendo com que grande parcela da população brasileira entoasse louvores ao regime. Lilia Schwarcz e Heloísa Starling nos ajudam a entender como esse “milagre econômico” foi usado pela ditadura militar como forma de controlar a população e obter consenso por parte dos brasileiros:

“Uma ditadura é formada por mandantes arbitrários, oposicionistas tenazes e uma população que precisa sobreviver (...). Enquanto durou o ‘milagre

---

15. Os índices econômicos não refletem a realidade social. Apesar de o Brasil ter vivido nesse período sua melhor fase de crescimento econômico, apenas uma pequena parcela da sociedade se beneficiou desse desenvolvimento, e, por outro lado, aumentaram no país as desigualdades socioeconômicas provocadas por má distribuição de renda

econômico' escamoteou os efeitos da concentração de renda, e muita gente, em especial entre as classes médias urbanas, se beneficiou com o crédito fácil, as novas oportunidades profissionais e os estímulos para consumir num mercado abarrotado de novidades: TV em cores, toca-fitas, câmera Super-8, automóveis (...). O grau de controle coercitivo sobre a sociedade que a ditadura adquiriu durante sua presidência foi imenso, mas por si só não garantia apoio. Todo governo, para se sustentar, depende de alguma forma de adesão, e o 'milagre econômico ajudou a fabricar uma base geradora de consentimento junto à população". (SCHWARCZ; STARLING, 2019, p. 453-454).

Este curto, mas intenso, período do “milagre” trouxe muitas mudanças na vida de parte dos brasileiros, pois nem todos tiveram parte nesse “bolo”. O discurso militar era materializado em grandes obras e intervenções no país, que “(...) comparado a um imenso canteiro de obras foi tomado por incontida euforia desenvolvimentista” (REIS, 2014, p. 81). Essa euforia foi chegada também em Campo Maior e foi repassado aos campomaiorenses o sucesso daquele governo que estaria fazendo uma “revolução no Brasil”, e não que teria dado um golpe que abalou os caminhos democráticos do país

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do Jornal *A Luta* em Campo Maior mostra como o discurso dos militares foi difundido em todo o país, mesmo naqueles lugares mais distantes do centro político nacional. Matérias publicadas em suas páginas mostram seu apoio ao regime, fazendo-nos compreender como aquele veículo de comunicação teve um papel relevante na construção de uma imagem positiva do governo entre os campomaiorenses.

Mesmo sendo uma pequena imprensa local, esse jornal sofreu influências daquele contexto e entrou em sintonia com o projeto político em vigor. Seus colaboradores procuraram mostrar aos habitantes do município como o Brasil percorria o caminho do desenvolvimento no comando dos militares e estes deveriam ser enaltecidos como verdadeiros heróis nacionais.

Apesar de não estar ligado diretamente a grupos políticos, esse semanário contribuiu para a reprodução da cultura política campomaiorense, participando ativamente no jogo político local, sendo usado por alguns desses grupos das disputas políticas da cidade. Ajudou, assim, para que as tradições políticas campomaiorenses continuassem vivas mesmo durante a Ditadura Militar.

O jornal *A Luta* atuou, assim, como um mecanismo de legitimação do governo militar, não em uma ação ideológica própria do semanário, isto é, este foi envolvido nos discursos políticos veiculados na época passando a reproduzi-los; não era uma realidade política, mas se tornou político em função das bases do seu discurso (RÉMOND, 2003). Ao se posicionar favoravelmente ao regime militar, esse jornal selecionou as histórias que deveriam ser escritas e as que deveriam ser esquecidas, e essas escolhas, que foram influenciadas pelas circunstâncias do momento, contribuíram para a construção de uma imagem exaltadora da Ditadura Militar em Campo Maior.

## REFERÊNCIAS E FONTES

8º ANIVERSÁRIO da Revolução. **Jornal A Luta**, ano V, nº 208, mar. 1972, s/p

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. – São Paulo: Contexto, 1988.

CHAVES, Celson. **Rua Santo Antonio**. 2º ed. Campo Maior: EDUFPI, 2014.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. In: **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

FERNANDES, Ailton Laurentino Cais. Da construção do Golpe à imposição do regime militar: o papel da Doutrina de Segurança Nacional. **XXVIII Simpósio Nacional de História** – Florianópolis, 2015.

FONTINELLES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica**: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. – São Paulo: Edições Loyola, 1996.

JESUS, Pauliana Maria de. **Reflexões sobre a modernização de campo maior entre 1930 a 1970**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2018.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Culturas Políticas na História**: novos estudos. – Belo Horizonte: Argumentum, 2009, p. 13-37.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. – São Paulo: Contexto, 2014.

O PIAUÍ mudou. **Jornal A Luta**, edição sem data.

REIS, Daniel Aarão. A vida política. In: \_\_\_\_\_ (coord.). **Modernização, ditadura e democracia**: 1964-2010. 1º ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2014 (História do Brasil Nação: 1808-2010; 5).

RÉMOND, René. Do político. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **Por uma história política** (tradução de Dora Rocha). FGV: Rio de Janeiro, 2003, p. 441-450.

RESENDE, Maria José de. **A Ditadura Militar no Brasil**: repressão e pretensão de legitimidade (1964-1984). Eduel: Londrina, 2013.

ROSA, José de Ribamar de Sena. **Quando a imprensa miúda é o veículo**: o semanário “A LUTA” e a cidade de Campo Maior-PI – falando de trocas e meios (Dissertação de Mestrado). Universidade Severino Sombra: Vassouras-RJ, 2012.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. No fio da navalha: ditadura, oposição e resistência. In: \_\_\_\_\_, **Brasil**: uma biografia. 2º Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 437-466.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Afoxés 163, 164, 166, 167, 169, 170, 173, 174

Amazônia Maranhense 107, 108

Assédio Sexual 1, 2, 3, 7, 8, 15, 16

### B

Belle Époque 37, 38, 43, 44, 161

Brasil 2, 7, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 61, 65, 72, 73, 74, 76, 78, 81, 85, 89, 92, 93, 109, 114, 119, 120, 122, 124, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 163, 165, 173, 175, 182, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 220, 221, 230, 231, 233, 255, 265, 266, 269, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297

### C

Camponeses 93, 94, 95, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 127

Comunidades 79, 80, 86, 87, 88, 89, 94, 95, 99, 101, 103, 107, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 184

Cura 145, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 162

### D

Decolonial 79, 80, 81, 84, 90, 91, 93

Diocese 77, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 177, 178, 180, 186

Ditadura Militar Brasileira 263, 297

### E

Educação Infantil 31, 32

Ensino de História 298

Escolas 1, 3, 7, 12, 14, 15, 16, 20, 25, 81, 87, 119, 146, 147, 166, 184, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 282

Esquerda 113, 280, 288, 289, 291, 294, 295, 296, 297

Estudo de Caso 1, 3, 31, 32, 35, 126

Exposed 1, 2, 3, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 94

### F

Federações Camponesas 94

Feminismo 31, 32, 33, 34, 35, 36, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

## **G**

Gênero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 44, 46, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 217, 265, 298

Geografia 76, 107, 115, 116, 118, 187, 298

## **H**

História 1, 7, 17, 28, 29, 30, 32, 36, 37, 38, 44, 45, 46, 52, 53, 54, 77, 78, 79, 81, 87, 90, 91, 92, 93, 105, 107, 110, 114, 118, 119, 124, 130, 131, 132, 136, 152, 154, 155, 162, 163, 165, 167, 168, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 194, 203, 205, 206, 207, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 242, 255, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 270, 271, 273, 274, 275, 281, 282, 283, 287, 288, 289, 297, 298

## **I**

Indígenas 55, 56, 59, 60, 68, 72, 74, 75, 76, 80, 83, 89, 90, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 123, 127, 132, 134, 136, 139, 140, 141, 169, 170, 171, 173, 180

Insurgência 132, 141

## **L**

Luta pela Terra 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 91, 92, 103, 120, 121, 123, 125, 128, 129, 130

## **M**

Medicina 24, 27, 28, 55, 76, 107, 156, 157, 158, 159, 161, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Memórias 113, 131, 167, 182, 189, 206, 208, 216, 263, 266, 267, 269, 272

## **P**

Paradigmas 263, 264

Pentecostalismo 144, 145, 148, 149, 150, 151, 153

Peregrina 219, 224, 227

## **Q**

Quilombolas 80, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 125

## **R**

Religião 48, 72, 88, 118, 120, 130, 131, 133, 135, 137, 140, 142, 144, 148, 151, 152, 153, 172, 173, 175, 220, 222, 226

Religiosidade 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 167, 169, 171, 173, 176, 219, 222, 225

Repentista 204, 205, 206, 214, 216

Representações 37, 38, 44, 54, 78, 80, 112, 154, 161, 163, 164, 165, 168, 169, 173, 174,

175, 177, 182, 185, 204, 219, 229, 276, 278, 280

Retratos Fotográficos 37, 38, 39, 43, 44

## **S**

Sala de Aula 1, 2, 3, 7, 10, 12, 14, 15, 31, 205

Saúde 1, 7, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 100, 107, 147, 156, 158, 159, 161, 187, 189, 190, 191, 192, 196, 203, 211, 284

Sexualidade 3, 4, 6, 7, 15, 32, 33, 45, 47, 48, 50, 53, 54, 76, 78, 81, 83, 84, 91, 92

Sociedade Colonial 45, 52

## **V**

Vida Pública 126, 173, 231

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4